
MONTENEGRO, Sílvia Maria; BENLABBAH, Fatiha. *Muçulmanos no Brasil: comunidades, instituições, identidades*. Rosario: UNR Editora, 2013. 260 p.

*Flávia Andréa Pasqualin**

Universidade de São Paulo – Brasil

Muçulmanos no Brasil: comunidades, instituições e identidades é mais uma obra importante que chega para se somar à escassa fonte de dados que os pesquisadores brasileiros possuem sobre a temática, já que a maioria dos trabalhos acadêmicos existentes no campo religioso brasileiro abordam o cristianismo, as religiões afro-brasileiras, o espiritismo e os neopentecostais. Dois outros livros com abordagem antropológica, *Olhares femininos sobre o Islã: etnografias, metodologias e imagens*, de Francirosy Campos B. Ferreira (organizadora) e *Islã: religião e civilização*, de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto, ambos publicados em 2010, também contemplam a temática sobre os muçulmanos no Brasil.

No entanto, *Muçulmanos no Brasil: comunidades, instituições, identidades* já nasce editado em três idiomas, português, espanhol e árabe, tornando-se acessível tanto para leitores da América Latina como também para leitores do mundo árabe. Pesquisadores de diferentes áreas e o público leigo também podem se beneficiar, na medida em que sua linguagem é acessível para todos os públicos.

O livro surge no contexto de um intercâmbio acadêmico entre América Latina e mundo árabe islâmico, por meio de atividades, eventos e conversas desenvolvidas no Instituto de Estudos Hispano-Lusos da Universidade Mohammed V – Agdal (Marrocos), sendo o primeiro de uma série de livros sobre o Islã na América Latina.

* Doutoranda em Psicologia. Bolsista Fapesp.

Os trabalhos que integram o volume, compilados da experiência do trabalho de campo, de dissertações de mestrado ou teses de doutorado, foram realizados na última década em várias cidades do país, tais como: São Paulo, São Bernardo do Campo (SP), Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Florianópolis, Curitiba e Foz do Iguaçu (PR). Todos eles estão fundamentados em abordagens antropológicas e sociológicas.

Os conteúdos abordados estão divididos em oito capítulos e perpassam as complexas facetas do “ser muçulmano no Brasil”, nos quais apresentam aos leitores esse recorte da sociedade brasileira desconhecida pelos próprios brasileiros. Vale dizer que a apresentação dos capítulos segue a ordem cronológica em que as teses ou dissertações que deram origem aos mesmos foram finalizadas, com exceção do último capítulo que deriva, exclusivamente, de um exaustivo trabalho de campo.

Dessa forma, o primeiro capítulo, “Des-etnificação e islamização: a identidade muçulmana na comunidade do Rio de Janeiro”, de Silvia Montenegro, aborda a configuração identitária da comunidade muçulmana do Rio de Janeiro, e explora questões relacionadas a organização interna, liderança e atividades, dilemas de identidade (arabização/islamização), assim como realiza uma cuidadosa caracterização tipológica dos membros da comunidade, considerando, naqueles que não possuem ascendência muçulmana, os motivos que os levaram a se aproximar do Islã e como esse processo de aproximação entre nascidos muçulmanos (de origem árabe) e convertidos (que já somam a maioria no local) compõem a construção identitária do grupo em questão. O texto também resgata a história do Islã negro como forma constitutiva de uma “perspectiva muçulmana”, segundo a autora, sobre a história do Islã no Brasil.

Vladimir Ramos escreve o segundo capítulo, “Conversão ao Islã”, e concentra-se na análise da conversão de indivíduos sem ascendência árabe ou origem muçulmana no contexto da comunidade muçulmana sunita de São Bernardo do Campo, onde estes compõem uma minoria, todavia crescente. O autor traça um detalhado perfil sociológico dos convertidos, considerando os antecedentes religiosos e a trajetória pessoal que os conduziu até o Islã e explora detalhes sobre a conversão e os argumentos atribuídos para a permanência no Islã. Para o autor, entender os sentidos da conversão se torna importante para compreender o processo de pluralização do cenário religioso brasileiro atual.

“O véu que des(cobre) a comunidade árabe muçulmana de Florianópolis”, escrito por Claudia Voig Espinola, compõe o terceiro capítulo. No texto, a autora analisa o uso do véu e vai além do conteúdo explorado pela bibliografia internacional que contempla questões relacionadas a ele, como símbolo de opressão e/ou resistência, e concebe uma multiplicidade de significados e símbolos que estão condensados em seu uso naquela sociedade, como o sentimento de pertencimento a um grupo.

Francirosy Campos Barbosa Ferreira escreve o quarto capítulo, “Observando o Islã em São Paulo: nascidos e revertidos”. A autora faz uma breve e importante exploração sobre as mesquitas e os contextos dos pesquisados em sua trajetória de campo entre 1998 e 2007, entre elas a Mesquita Brasil, Mesquita de Santo Amaro, Mesquita de São Bernardo do Campo e Mesquita do Pari/Brás. Outra questão discutida no texto são os pontos de divergência encontrados entre os nascidos muçulmanos e os revertidos (convertidos ao Islã). Seu texto contempla fotos, recortes de seu caderno de campo e entrevistas, o que torna a leitura leve e interessante.

O quinto capítulo, “Um chamado ao Islã: os cursos de religião na comunidade sunita de Rio de Janeiro”, escrito por Gisele Fonseca Chagas, analisa as formas de transmissão de conhecimento religioso na comunidade muçulmana sunita do Rio de Janeiro, tendo como base etnográfica os cursos de religião oferecidos pela Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro. A autora discorre sobre a constituição performativa e pedagógica dos cursos, através dos quais ocorre a socialização dos muçulmanos, sobretudo dos convertidos, mostrando no decorrer do texto como a noção de conhecimento religioso se constitui elemento fundamental na organização daquela sociedade.

Edmar Avelar de Sena é o autor do sexto capítulo, “Presença do Islã em Belo Horizonte: aspectos da vida religiosa da Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais”. Em seu texto ele analisa aspectos da vida religiosa da comunidade muçulmana de Belo Horizonte, a qual atende pelo nome jurídico de Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais, e como ela se insere nessa sociedade, onde os campos religiosos majoritários são católicos e evangélicos. Ele apresenta como vem se construindo a formação identitária desse grupo que agrega imigrantes muçulmanos e seus descendentes e adeptos brasileiros sem ascendência muçulmana que não querem se identificar com os árabes, mas que ressaltam em sua identidade muçulmana um sentimento próprio de pertença. O texto também traz fotos e gráficos que ampliam o entendimento da questão.

No sétimo capítulo, “Muçulmanos em Curitiba: uma análise das dinâmicas identitárias a partir do jornal *Assiraj*”, de Jackson Hansen Marques, está apresentada a sociedade muçulmana de Curitiba, a qual declara possuir 50% de membros sunitas e 50% de membros xiitas. Contudo, a pergunta do autor é: “Por que um jornal (*Assiraj*) que constrói o imaginário da comunidade através do predomínio de representações xiitas ergue-se como o representante de toda a instituição, sendo que na mesma existe um equilíbrio numérico entre sunitas e xiitas?” Dessa forma, o leitor verá no decorrer do texto as dinâmicas identitárias que explicam essa disputa de representações.

E para finalizar, o último capítulo, “Imigrantes e convertidos: etnicidade e identidade religiosa nas comunidades muçulmanas do Brasil”, da autoria de Paulo G. Pinto, baseado em pesquisas e num extenso trabalho de campo desenvolvido desde 2003 em comunidades muçulmanas do Brasil, aborda as relações entre etnicidade e identidade religiosa, estabelecendo comparações etnográficas entre as comunidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Foz do Iguaçu. No decorrer do texto é possível compreender como as várias construções de etnicidade árabe e identidades muçulmanas convivem, articulam-se e competem em distintos contextos sociais e culturais.

Com efeito, segundo as palavras de Silvia Montenegro, o livro aborda um Islã “realmente existente” porque está pautado na experiência prática e no discurso dos religiosos, o que torna a leitura envolvente e instigante, uma vez que se evitam as visões genéricas atribuídas pelos meios de comunicação.

Percorrer as 260 páginas do livro, que abarca algumas das comunidades numericamente mais expressivas no país, é uma oportunidade ímpar de conhecer essas comunidades e a orientação identitária do Islã no Brasil, o que certamente contribuirá para uma melhor compreensão da nossa sociedade.